



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

VIVIAN QUEIROZ GUERRA

**A MULTISSEMIOSE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM NOTÍCIAS  
VEICULADAS NO X**

Recife  
2024

VIVIAN QUEIROZ GUERRA

**A MULTISSEMIOSE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM NOTÍCIAS  
VEICULADAS NO X**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de  
Graduação em Letras Português – Licenciatura  
como parcial para obtenção do título de Licenciado  
em Letras/Português.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andrea Silva Moraes

Recife  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Guerra, Vivian Queiroz .

A multisssemiose na construção de sentido em notícias veiculadas no X /  
Vivian Queiroz Guerra. - Recife, 2024.  
40 p. : il.

Orientador(a): Andrea Silva Moraes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura,  
2024.

1. Docência . 2. Multiletramentos . 3. Notícia . 4. Tecnologia . I. Moraes,  
Andrea Silva . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

VIVIAN QUEIROZ GUERRA  
A MULTISSEMIOSE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM NOTÍCIAS VEICULADAS  
NO X

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Data: 26/03/ 2024

---

Orientador/a

Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> Andrea Silva Moraes

UFPE

---

Examinador

Prof.<sup>(a)</sup> Rosemberg Gomes

Nascimento

Cap-UFPE

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de refletir acerca da presença constante de textos multissemióticos no cotidiano dos indivíduos, haja vista o avanço da tecnologia, tornando indispensável a formação de um estudante letrado em textos multissemióticos para que possa atender às demandas do mundo contemporâneo. Para conduzir a discussão, foram selecionadas três notícias de perfis jornalísticos de grande circulação na rede social X a fim de analisar como a imagem contribui para a construção de sentido ao resgatar vozes anteriores, de modo a, em conjunto com o modo verbal, trazer ainda mais camadas essenciais na compreensão dos textos. O trabalho visou à percepção da impossibilidade da notícia constituir um gênero imparcial, já que, tanto as escolhas linguísticas quanto a seleção das imagens, evidenciam as concepções de mundo e pontos de vista cultivados pelos veículos de informação, de maneira a constatar a importância do docente estar atento às demandas presentes na realidade do discente para, assim, formar um indivíduo consciente e crítico frente às práticas sociais, agindo como um ator social. Para embasar a discussão, foram utilizados os textos de Rojo (2009; 2012), Lemke (2010), Freire (2018), Kleiman (2005; 2006), Street (2014) e B. Street e J. Street (2014).

**Palavras-chave:** docência; multiletramentos; notícia; tecnologia.

### **ABSTRACT**

This project aims to reflect on the frequent presence of multisemiotic texts in everyday life, the advancement of technology, intensified by the advancement of technology, making the education of a literate student in multisemiotic texts essential in order to answer the demands of the contemporary world. To lead the discussion, three news from widely circulated journalistic profiles the social media X were selected with the intention of analyzing how the image contributes to the construction of meaning by rescuing previous voices, in order to, together with the verbal modes, also bring more indispensable layers in understanding texts. This work aimed to understand the impossibility of news being an impartial genre, since both the linguistic choices and the selection of images bring out the world conceptions and points of view cultivated by the information vehicles, with the purpose of confirming the importance of the teacher meeting the demands present in the student's reality, thus forming a conscious and critical individual in the face of social practices, acting as a social actor. To support the discussion, texts by Rojo (2009; 2012), Lemke (2010), Freire (2018), Kleiman (2005; 2006), Street (2014) and B. Street and J. Street (2014) were used.

**Keywords:** teaching; multiliteracies; news; technology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - estruturada notícia.

20

Figura 2 - notícia da @VEJA.

24

Figura 3 - imagem da notícia da @VEJA.

25

Figura 4 - notícia do @JornalOGlobo.

27

Figura 5 - imagem da notícia do @JornalOGlobo.

28

Figura 6 - notícia da @cartacapital.

29

Figura 7 – imagem da notícia da @cartacapital.

30

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
2.1 O avanço da tecnologia e os textos multissemióticos.....	11
2.2 O papel do professor na formação de um indivíduo letrado.....	13
2.3 Letramento escolar, imparcialidade e textos multissemióticos.....	17
2.4 O gêneros notícia e o X.....	19
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
<b>4. ANÁLISE DAS NOTÍCIAS.....</b>	<b>23</b>
4.1 Análise da notícia veiculada pela Veja.....	23
4.2 Análise da notícia veiculada pelo jornal O Globo.....	26
4.3 Análise da notícia veiculada pela revista Carta Capital.....	28
<b>5. RESULTADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Marcuschi (2010), gêneros textuais são formas de ação social que se realizam por meio de textos situados social e culturalmente. O autor afirma que, embora os gêneros possuam particularidades linguísticas e estruturais, a maneira como estão situados e a função comunicativa exercida no meio no qual está inserido são os aspectos principais na delimitação deles. Ademais, é importante ressaltá-los “[...] como eventos sociais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (p. 19), além de contribuírem para a ordenação das atividades comunicativas diárias e surgem, portanto, a partir de necessidades e mudanças sociais ocorridas no contexto em que estão inseridos. Por esse motivo, em diferentes momentos da história, foi possível notar o surgimento e a reformulação de diferentes gêneros textuais, como o aparecimento de novos gêneros acarretado pelo advento da escrita, os quais não tinham propósito em uma cultura majoritariamente oral. O mesmo ocorreu com o avanço da tecnologia e o surgimento da *internet*, visto que o intenso uso desses recursos gerou interferências nas atividades comunicativas, fazendo emergir novas demandas.

Além disso, ao adotar uma perspectiva de linguagem como interação social, Fuza, Menegassi e Ohuschi (2011) afirmam que a língua é constituída a partir de um processo de interação social entre os interlocutores, os quais deixam de assumir uma posição passiva frente ao texto como acontecia em concepções anteriores, a prática de leitura passa a ocorrer em uma interação “leitor-texto-autor” (Fuza; Menegassi; Ohuschi, 2011, p. 494), em que conhecimentos e compreensões que antecedem o texto precisam ser mobilizados. O leitor atua, então, como um agente social. A partir disso, são notados impactos significativos no ensino de língua. Ainda de acordo com Fuza, Menegassi e Ohuschi (2011), se o leitor não é mais passivo no processo de leitura, o aluno também não ocupará um lugar de passividade ao longo do percurso de aprendizagem, ele deve desenvolver uma capacidade de reflexão crítica diante do mundo e do texto.

Como apontam Mendonça e Soares (2020), o avanço tecnológico foi um dos marcos do século XXI, de modo a promover grandes mudanças na forma de interagir, fazendo com que novos gêneros surgissem e antigos fossem reformulados, o que demanda que o leitor possua novos letramentos diante desse novo cenário. Nesse contexto, as autoras ressaltam a necessidade dessa realidade adentrar a escola com o intuito de que, a partir do desenvolvimento de uma criticidade frente aos textos produzidos no meio digital, os estudantes possam participar ativa e conscientemente das novas práticas sociais propiciadas pela *internet*.

Esse aspecto já está presente na BNCC (2018), documento que normatiza o currículo pedagógico na educação básica. Nas competências gerais da parte referente ao ensino de Língua Portuguesa, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, encontram-se competências específicas dedicadas à incorporação das tecnologias digitais na sala de aula, bem como das práticas sociais desenvolvidas nesse meio. Entretanto, essa não é a realidade encontrada em grande parte das salas de aulas, pois, de acordo com o destacado por Albuquerque (2007), as práticas de letramento presentes no ambiente escolar ainda se distanciam bastante das exigidas no cotidiano fora da escola, uma vez que o foco recai em gêneros considerados parte do “letramento escolar”, mas que não atendem às expectativas relacionadas ao “[...] desenvolvimento socioeconômico-cultural de nossa sociedade” (p. 18).

Desse modo, tendo em vista que essa forma de atuar socialmente por meio de textos situados social e culturalmente ocorre por meio de gêneros textuais (Marcuschi, 2010) e a necessidade de tirar o discente de um lugar de passividade e de formar um indivíduo capaz de se inserir nas práticas sociais do mundo em que vive, é necessário que a escola abranja, durante o processo de ensino-aprendizagem, as mudanças na forma de interagir ocasionadas pelo amplo uso da tecnologia e leve o aluno a refletir e agir criticamente diante das demandas que lhe são impostas. Entre as mudanças ocorridas, está o estímulo à produção de textos multissemióticos, como aponta Rojo (2009), uma vez que diversas redes sociais oferecem ferramentas para a construção de textos utilizando diferentes semioses, como o uso dos memes, que, em sua maioria, combinam o modo verbal com a imagem, seja ela estática ou em vídeo.

É a partir desse contexto que o presente trabalho busca propor uma reflexão sobre como, diante de gêneros surgidos com o intenso uso da *internet* e do recorrente uso de diferentes semioses na construção de sentido, os multiletramentos são essenciais para a formação de leitores capazes de agir criticamente frente às práticas sociais atuais, tornando essencial que esse tópico esteja presente na sala de aula. Essa reflexão será conduzida através da análise de notícias veiculadas na rede social  $X^1$ , as quais revelam, também por meio da seleção de imagens, uma parcialidade em relação à situação noticiada, ainda que, socialmente, seja esperada a imparcialidade do gênero notícia na função de informar o leitor.

Nesse contexto, questionamo-nos como os multiletramentos contribuem para a formação de um leitor capaz de perceber a parcialidade presente na seleção de imagens em notícias veiculadas no  $X$  e agir criticamente frente às demandas sociais do mundo atual? Para responder a esse questionamento, é necessário refletir sobre as seguintes questões: (1) como as

---

<sup>1</sup> A plataforma foi chamada de *Twitter* da sua criação até o ano de 2023, quando foi modificado o nome para  $X$ .

diferentes semioses presentes em um texto proporcionam uma construção de sentido conjuntamente?, (2) como a parcialidade quanto à situação retratada na notícia veiculada no X aparece por meio da seleção de imagens? e (3) por que é relevante formar um usuário da língua capaz de perceber essa parcialidade?

A partir disso, o trabalho tem como objetivo analisar como o trabalho com textos multissemióticos — notícias veiculadas no X — em sala de aula contribui para a formação de um leitor crítico, no contexto das tecnologias digitais, guiando-se através dos seguintes objetivos específicos: (1) identificar como as diferentes semioses presentes em um texto proporcionam uma construção de sentido conjuntamente; (2) analisar a parcialidade existente na seleção de imagens em notícias publicadas no X; e (3) refletir sobre como o trabalho com textos multissemióticos contribui para tornar o aluno capaz de perceber essa parcialidade.

A rede social X foi escolhida para conduzir essa discussão porque possibilita aos seus usuários fazer postagens combinando diferentes semioses, como a verbal e a imagética, e é amplamente utilizada entre os adolescentes<sup>2</sup>. Nesse meio, os usuários leem e interagem com diversas postagens que associam essas diferentes semioses, entre elas, as notícias, as quais, em sua maioria, vêm acompanhadas de imagens. A notícia tem como objetivo informar o leitor sobre um fato atual e cotidiano e, por isso, tem frequentemente a imparcialidade como característica associada ao gênero, porém, ao pensarmos a língua e, conseqüentemente, o texto como situados histórica, cultural e socialmente (Rojo, 2009), essa imparcialidade não se concretiza. Portanto, ainda que o escritor lance mão de recursos para se distanciar da situação retratada, uma posição quanto ao tema ainda é percebida, desde a escolha do que é noticiado até as escolhas linguísticas utilizadas.

No entanto, esses não são os únicos aspectos a ser analisados, principalmente em um contexto digital, que permite e facilita o uso de diferentes semioses (Rojo, 2009), por esse motivo, é indispensável analisar as imagens em conjunto com os elementos verbais, visto que a seleção das imagens também revela parcialidade diante do fato relatado. Com base nisso e no constante uso do X feito pelos adolescentes com, além do outras finalidades, o objetivo de se informar, a reflexão deve estar, então, em sala de aula, a fim de formar um leitor que possa agir crítica e conscientemente ao se deparar com essas situações e perceber as nuances presentes nas escolhas das imagens.

---

<sup>2</sup> Uma pesquisa realizada no primeiro semestre de 2022 pelo *Twitter* Brasil revela que 7 em cada 10 jovens de 15 a 24 anos acessam a rede social diariamente. 67% deles afirmam utilizar o X para tomar conhecimento acerca dos acontecimentos do mundo (Bandeira, 2022).

Para conduzir a discussão, foram utilizados os textos de Lemke (2010) e Rojo (2009; 2012) a fim de pensar sobre as mudanças ocorridas nos gêneros textuais com o avanço da tecnologia e o lugar ocupado pela multisssemiose nesse processo. Com o intuito de refletir acerca do papel do professor no processo de letramento do estudante e o significado de formar um usuário letrado da língua, os textos de Freire (2018), Kleiman (2005; 2006) e Soares (1999; 2004) serviram de apoio. Por fim, para discutir o letramento escolar e a imparcialidade das práticas na sala de aula, tomou-se como base Bakhtin (2003), Street (2014) e B. Street e J. Street (2014).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O avanço da tecnologia e os textos multissemióticos

Segundo Lemke (2010),

Os letramentos são, entre si mesmos, tecnologias e nos dão as chaves para usar tecnologias mais amplas. Eles também produzem uma chave entre o eu e a sociedade: o meio através do qual agimos participamos e nos tornamos moldados por sistemas e redes ‘ecossociais’ mais amplos (p. 456).

Logo, considerando as dinâmicas sociais e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, esses sistemas sofrem reorganizações, transformando, simultaneamente, nossas percepções e identidades. Com base nisso, é possível afirmar que letramentos são sempre sociais, isto é, a sua construção e uso estão ligados à participação nas relações sociais, nas quais as práticas letradas são construídas cultural, histórica e socialmente, de modo que os significados construídos estão sempre entrelaçados a outros anteriores. Assim, durante a leitura, a interpretação não é individual em sua totalidade, pois os indivíduos estão inseridos em uma sociedade, fazendo com que sua leitura seja atravessada pelo lugar que ocupam. Ademais, é importante destacar o caráter multimidiático (Lemke, 2010) de todo letramento. Isso porque a língua não aparece de forma isolada, mas sempre associada a outros modos, como os gestos, tons de voz e fonte da letra.

A partir disso e do conhecimento de que os gêneros textuais são responsáveis por regular a sociedade, definindo as relações de poder e os papéis sociais exercidos pelos indivíduos, sendo esses gêneros situados e heterogêneos, implicará a existência de letramentos, no plural, pois são múltiplos e variam de acordo com a comunidade e as situações socioculturais (Rojo, 2009). Com o olhar direcionado para os múltiplos letramentos, torna-se relevante analisar o mundo atual e as mudanças ocorridas nas práticas de leitura e escrita. Segundo Rojo (2009), a globalização foi uma grande responsável por essas modificações e o conseqüente surgimento de novos letramentos, principalmente ligados ao compartilhamento de informações e aos meios de comunicação.

O aumento do uso das tecnologias digitais acarretou mudanças na forma de ler, as quais vão desde aspectos tipográficos até o modo de produzir os textos. Conforme Soares (2002), o espaço do texto deixa de ser um papel para ser uma janela e, ao contrário de como acontecia em outros períodos históricos, o leitor tem acesso apenas a parte do conteúdo, mas, ao mesmo tempo, também tem a liberdade de observar duas janelas simultaneamente. Destaca-se ainda a multilinearidade da leitura digital, possibilitada pelo hipertexto, o qual permite que o leitor

escolha onde a leitura iniciará ou abrir *links* presentes no decorrer do texto, por exemplo. Ademais, Rojo (2009) expõe a ampliação da possibilidade de construção de textos multissemióticos como consequência do mundo digital, então os letramentos em modos verbais sozinhos tornam-se ainda mais insuficientes, é necessário ampliar esse conceito para abarcar outros modos da linguagem. Isso porque o verbal aparece frequentemente atrelado a outras semioses, a autora ressalta que “[...] as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos outros materiais impressos” (Rojo, 2009, p. 107) mostram que a restrição à modalidade escrita se tornou insuficiente. Nesse sentido, para Street (2014), “Em termos linguísticos, parte do significado dos canais de comunicação reside em aspectos paralinguísticos de sua produção, tanto quando nos significados sintáticos e lexicais” (p. 108). Ou seja, a forma e os outros aspectos que compõem o texto, por exemplo, outras semioses, devem ser analisados, dado que não são utilizados irrelevantemente, sem motivo, estes significam dentro de uma prática letrada, assim como a modalidade escrita.

É importante ressaltar ainda que os “[...] vários letramentos e tradições culturais combinam estas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente” (Lemke, 2010, p. 462). Ou seja, texto e imagem, por exemplo, não devem ser vistas de forma dissociada, como maneiras distintas de expressar o mesmo significado, mas em conjunto, agregando ambas as semioses para gerar novas compreensões acerca do texto.

Nesse contexto, Rojo (2012) sugere um trabalho em sala de aula voltado para a “pedagogia dos multiletramentos”. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1996, pelo Grupo Nova Londres, um conjunto de pesquisadores que se debruçavam sobre os letramentos, quando se reuniram em Nova Londres, nos Estados Unidos, para uma semana de discussões e posterior publicação do manifesto “Uma pedagogia dos multiletramentos — desenhando futuros sociais”. O Grupo defende que os novos letramentos frutos de uma sociedade globalizada também devem ser preocupação da escola, uma sociedade que, além das novas tecnologias, lida com uma grande variedade de cultura, o que reflete na sala de aula. Dessa forma, o professor precisa abranger, em suas práticas, os “multi” características da contemporaneidade, a multissemiose e a multiculturalidade, por exemplo. Daí a necessidade de se voltar para os multiletramentos.

Nesse sentido, faz-se necessário diferenciar os termos “letramentos múltiplos” e “multiletramentos”. Conforme Rojo (2012), enquanto o primeiro diz respeito apenas à variedade de práticas letradas que circulam na sociedade, o segundo tem uma preocupação pedagógica, além de chamar atenção para a multiplicidade cultural e para a multiplicidade semiótica da contemporaneidade. No que tange à multiplicidade cultural, é possível trazer como

exemplos textos que fazem uso de letramentos de diferentes esferas sociais, como os letramentos dominantes e os estigmatizados, o erudito e o popular. Esses usos revelam não só uma escolha pessoal, mas também política, social e cultural. Além disso, as divisões dicotômicas entre as culturas não se sustentam mais, pois, hoje as práticas são híbridas, visto que “a produção cultural atual se caracteriza por um processo de *desterritorialização*, de *descoleção* e de *hibridização* que permite que cada pessoa possa fazer sua própria coleção” (Rojo, 2012, p. 16). Então, precisamos repensar a ideia de propriedade e por em foco o diálogo nas diferentes formas de interagir.

Portanto, com base nesse contexto, em que os alunos estão constantemente em contato com textos multissemióticos, pois estão sempre conectados, o trabalho em sala de aula deve refletir e responder às questões cotidianas, as quais incluem as práticas presentes no meio digital, para que, assim, possa “[...] propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais” (Barbosa; Rojo, 2015, p. 135), entre os aspectos que precisam ser desenvolvidos, estão seleção de textos e imagens, a credibilidade das fontes, a pertinência da exposição das opiniões, comentários, etc. Não basta formar indivíduos capazes de se envolver em práticas de escrita que fazem uso somente do papel, é preciso incluir o meio eletrônico, pois os letramentos nas práticas sociais presentes nesse meio são essenciais para que o discente esteja incluso na sociedade, com o intuito de que possa participar da vida contemporânea “[...] de maneira ética, crítica e democrática” (Rojo, 2009, p. 107).

Destaca-se ainda que os multiletramentos não devem ser considerados um aprendizado avançado, visto que as crianças já lidam diariamente com textos multissemióticos, quando se deparam com gestos e entonações, características da oralidade, além de estarem, desde cedo, em contato constante com a tecnologia, como a televisão, celulares, *tablets* e computadores, já lidando com textos do meio digital. Diante disso, os multiletramentos precisam ser desenvolvidos desde cedo e a ideia do texto escrito em lugar privilegiado precisa ser quebrada, a fim de formar alunos como um olhar crítico frente às diferentes semioses.

## **2.2 O papel do professor na formação de um indivíduo letrado**

Para a formação de um indivíduo letrado, o professor não pode perder de vista o conceito de letramento. Tal termo surge no campo dos estudos linguísticos por volta dos anos 80, vinda da palavra em inglês “*literacy*”, a qual designa a condição daquele que sabe ler e escrever (SOARES, 1999). A partir desse contexto, torna-se necessário diferenciar os termos alfabetização e letramento, enquanto o primeiro diz respeito à apropriação do sistema de escrita,

o segundo faz referência à inserção do indivíduo nas práticas sociais de leitura e escrita, tal forma de pensar implica uma reflexão sobre os aspectos sociais e culturais que perpassam essas práticas, ou seja, letramento é uma consequência do aprender a ler e escrever, como aponta Soares (1999).

Entretanto, apesar de constituírem conceitos distintos, na sala de aula, o processo de aprendizagem deve ser conduzido aliando os dois, ou seja, alfabetizar letrando, pois são processos “indissociáveis, simultâneos e interdependentes” (SOARES, 2004, p.100), a alfabetização, para fazer sentido, precisa ser desenvolvida em diálogo com o contexto das práticas sociais, isto é, por meio de atividades de letramento.

Além disso, segundo Freire (2018), para que o processo pedagógico ocorra de forma significativa, é necessário assumir uma postura problematizadora. Contudo não é isso que é visto no ambiente escolar na realidade atual, observa-se um modelo em que "a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante" (Freire, 2018, p. 80). Isso porque, frequentemente, o processo se dá através de uma narração de conteúdos, tratando o aluno apenas como um ouvinte, ou seja, um objeto paciente, devendo ser preenchido com os conteúdos, os quais terão como único detentor o professor, isto é, ocorre uma transferência do saber do sábio, o docente, para o que nada sabe, os discentes. O mundo ao redor é tomado como algo "[...] estático, compartimentado e bem-comportado" (Freire, 2018, p. 79), de modo que os temas abordados em sala de aula mostram-se distantes da realidade dos educandos, fazendo com que esses temas sejam esvaziados de significação, transformados em uma "[...] verbosidade alienada e alienante" (Freire, 2018, p. 80).

Logo, a fim de quebrar esse circuito de pensamento e atingir uma educação libertadora, o processo pedagógico precisa acontecer visando a um pensamento autêntico, humanizando tanto os alunos quanto o professor e estando conscientes da habilidade de criação do ser humano, para, assim, formar indivíduos que falam por si mesmo, transformam o mundo em que vivem, problematizam as relações estabelecidas com o mundo e possuem uma consciência intencionada frente à realidade. Diante disso, é necessário ter em vista que "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 2018, p. 95), isto é, a educação, com o intuito de atingir a liberdade, não pode separar o indivíduo do mundo onde está inserido, é preciso levar em consideração a relação dele com o mundo, a fim de problematizar, captar e compreender seu entorno, que não é estático, mas está em constante transformação. Desse modo, o aprendizado se dá em um diálogo entre professor e estudante, de forma que o docente está constantemente aprendendo e repensando suas práticas

de acordo com as situações que rodeiam e atravessam a sala de aula, bem como a relação estabelecida com os alunos.

Nesse sentido, essa noção deve estar presente desde a elaboração do conteúdo programático, na seleção dos temas e dos conteúdos a serem trabalhados. Pelo viés de uma educação libertadora, o conteúdo programático é "[...] a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada" (Freire, 2018, p. 116), ou seja, a partir da realização de uma investigação acerca do universo temático dos estudantes, das demandas apresentadas pela turma, o professor irá selecionar e planejar as discussões e atividades relevantes para que o processo pedagógico ocorra significativamente.

Desse modo, conforme Kleiman (2006), o professor deve ser um agente de letramento, isto é "[...] um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições" (Kleiman, 2006, p. 81). Ao ocupar essa posição, será um ator social, uma vez que mobiliza e favorece a participação dos estudantes em sala de aula, contribuindo para que estes também se tornem atores sociais. A fim de cumprir esse objetivo, é necessário que o docente tenha um bom conhecimento da turma, bem como que esteja engajado e inserido em diferentes práticas de leitura e escrita, com o intuito de que atue como um gestor dos saberes e dos recursos disponíveis (Kleiman, 2005), com o propósito de selecionar o que será mais significativo no processo de aprendizagem, considerando os textos circulantes na realidade do aluno e da comunidade escolar, sem atribuir um juízo de valor entre as práticas selecionadas (B. Street; J. Street, 2014). Em vista disso, antes da decisão em relação aos gêneros ou textos a serem levados para a sala de aula, é essencial refletir sobre os impactos deles na vida dos estudantes e em como influenciam no acesso às práticas sociais existentes na realidade deles. Ademais, Kleiman (2005) chama atenção ainda para o fato do professor estar sempre em constante aprendizado, mesmo com a graduação finalizada, e de não ser o detentor de todo o conhecimento, pois este é adquirido cotidianamente, tanto fora quanto dentro da sala de aula, e tem caráter colaborativo, visto que, como é apontado por Freire (2018), ninguém aprende sozinho.

Além disso, com base nesse contexto de avanço tecnológico, torna-se essencial discutir o sentido que a palavra "usuário" toma nesse meio em diálogo com a forma como é entendida no campo linguístico. Como defende Soares (1999), ser letrado significa estar inserido nas práticas sociais de leitura e escrita de uma determinada sociedade, isso só será possível se o indivíduo for capaz de fazer uso da língua de forma efetiva, tornando-se, portanto, um usuário

dela. Para alcançar esse objetivo, o ensino, desde os anos iniciais, com o desenvolvimento da alfabetização, deve ocorrer a partir de atividades de letramentos, isto é, ter como foco o contexto das práticas sociais, a fim de que o aluno possa fazer uso da língua de forma efetiva e, como consequência, possa dar conta, crítica e conscientemente, das demandas cotidianas apresentadas por diferentes situações em diferentes contextos (Soares, 2004).

Assim, considerando as demandas do mundo contemporâneo, percebemos que os sentidos atribuídos ao termo usuário se encontram, uma vez que, em uma rede social, ao adentrar o contexto das diferentes plataformas, os falantes da língua irão se apropriar dos gêneros textuais que ali circulam. Com essa apropriação, criarão textos nas mais diversas semioses, farão leituras e interagirão com outras pessoas de acordo com as “regras” que circulam na plataforma, fazendo com que sejam usuários da rede social, ou seja, saibam utilizá-la de forma efetiva dentro do contexto em que ela se insere, são, então, letrados nessa prática social. Logo, dado que um usuário de uma plataforma tem domínio dos aspectos linguísticos, sociais e culturais relevantes para aquela situação, é possível afirmar que são, também, usuários de uma língua, pois estão atendendo a uma das demandas impostas pela sociedade atual.

Diante desse contexto, de acordo com o que Gaydeczka e Karwoski (2015) apontam, as inovações tecnológicas e o caráter de constantes mudanças e recriações trazidas pelo mundo contemporâneo ocasionaram mudanças significativas na forma que lemos e produzimos textos e, conseqüentemente, o ensino de língua precisa estar em consonância com essas novas demandas. Os estudantes, por estarem imersos nesse contexto tecnológico como partes integrantes da sociedade, estão a todo momento em contato e vivendo esse novo modo de interagir, fazendo uso de diversos dispositivos eletrônicos, entre eles, *notebooks*, *smartphones* e *tablets* e, portanto, deparam-se com a intensa circulação de informações e os diversos textos multissemióticos que compõem esse meio. Nesse sentido,

Diante da multiplicidade de linguagens, mídias e tecnologias o recomendável é saber selecionar e avaliar as informações, compreender as funções e os usos que podem ser feitos de ferramentas tais como áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação, dentre outras atividades exigidas da produção de textos na atualidade. (Gaydeczka; Karwoski, 2015, p. 157)

Então, é preciso que escola esteja atenta às questões do mundo contemporâneo e faça com que essa nova forma de interagir, tão característica desta época, seja incorporada nas práticas pedagógicas a fim de formar alunos conscientes das novas possibilidades e maneiras de ler e escrever para que se tornem cidadãos ativos na sociedade contemporânea.

Assim, a presença da tecnologia no ambiente escolar não deveria ser mais tratada como uma inovação ou trivial, mas como um elemento que já deveria ter sido incorporado na realidade da maioria das escolas, pois o acesso a um dispositivo digital como computadores e *tablets* com acesso à *internet* é essencial para o trabalho do professor quando se tem o objetivo de abranger as demandas da contemporaneidade. Ademais, esse trabalho com a tecnologia deve ser feito de modo efetivo, visando a metodologias e estratégias didáticas, uma reflexão acerca do uso das tecnologias e do impacto trazido por elas, e tudo isso deve ocorrer a partir de um processo de ensino-aprendizagem criativo, prático e significativo. Dessa forma, torna-se necessário repensar o modelo tradicional e questionar se os letramentos presentes hoje na escola são suficientes, visto que, atualmente, tomando como base a realidade da maioria das escolas, o ensino de língua não abarca as demandas de uma sociedade multissemiótica e diversa, privando os discentes de uma formação crítica, de modo a não formar indivíduos capazes de criar novos sentidos frente às situações com que se deparam cotidianamente.

### **2.3 Letramento escolar, imparcialidade e textos multissemióticos**

O trabalho com o “letramento escolar” sozinho não é suficiente para formar indivíduos preparados para as demandas impostas pela contemporaneidade, é preciso produzir e ler, no âmbito escolar, mais que resumos, relatos, questionários, ensaios, dissertações e cânones literários. Partindo da concepção de que a linguagem é situada e os textos não têm sentido em si mesmos, mas são construídos no social, com a interação entre os leitores e o contexto que os rodeiam, o trabalho com as multissemioses deve ocorrer para que seja possível “[...] situar os discursos a que somos expostos e recuperar sua situacionalidade social ou seu contexto de produção e interpretação” (Moita Lopes; Rojo, 2004, p. 37-385 apud Rojo, 2009, p. 108) também de textos construídos por modos diferentes da escrita, como exige a sociedade atual, objetivando a formação de um cidadão protagonista e capaz de questionar a realidade que o cerca.

Ademais, como é apontado por Brian Street e Joanna Street (2014), a eleição de “letramentos escolares” não é neutra e implica a marginalização de outros. Os autores afirmam que os letramentos estão fortemente associados às instituições sociais, de modo a nublar a percepção quanto às diferentes formas que se apresentam quando estão inseridas em outros contextos. Os “letramentos escolares” adentraram e se estabeleceram na sociedade contemporânea a partir de uma supervalorização da cultura escrita e de usos masculinos de letramentos, resultando em um tratamento inferior em relação às práticas fora dos critérios apresentados. Isso faz com que pessoas rodeadas e inclusas em meios onde “letramentos não

escolares” estão em maior evidência sejam obrigadas a se adequarem à realidade que lhes é imposta.

Logo, “As convenções associadas às práticas escritas e à pedagogia correntes na escolarização [...] não são simples questões de técnica e de habilidades neutras de aprendizagem, mas podem estar associadas a níveis profundos de significado e crença cultural” (Street, B.; Street, J., 2014, p. 126). Essa marginalização e imposição de práticas letradas dominantes ocasiona um distanciamento entre o indivíduo e a língua, a qual é tratada como objeto e os estudantes se tornam receptores passivos no processo de aprendizagem, visto que as demandas de um determinado contexto não são atendidas e respeitadas, pois não fazem parte do elegido como parte do ambiente escolar.

Se a escolha dos letramentos considerados relevantes no meio escolar não é neutra, os textos, tanto os formadores do “letramento escolar” quanto os excluídos da sala de aula, não são imparciais, pois também estão inseridos em um contexto sociocultural. Dessa maneira, essa significação social “[...] não pode, de fato, ser separada dos supostos ‘sentidos’ intrínsecos das palavras comunicadas; a prática social por inteiro, incluindo a forma de letramento serve para produzir sentido” (Street, 2014, p. 106). A visão de um texto acabado, com sentido pleno e inequívoco é equivocada, pois separa-os do contexto, da sociedade, no qual estão inseridos.

Como aponta Bakhtin (2003), o uso da língua se dá através de enunciados, estes, inevitavelmente, refletem o contexto e os objetivos da esfera de atividade humana na qual são originados, essas questões são percebidas desde a seleção do conteúdo temático e escolhas linguísticas até a construção composicional do texto. Assim, a partir das particularidades de cada esfera, são elaborados “tipos *relativamente estáveis* de enunciados” (Bakhtin, 2003, p. 262), chamados de gêneros textuais.

Logo, considerando o enunciado como situado histórica, social e culturalmente, fica evidente o caráter dialógico dele, visto que constitui uma resposta a enunciados anteriores ao refutá-los, completá-los, concordar com eles, tomá-los como base, adaptá-los, etc. Com base nisso, “[...] não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo” (Bakhtin, 2003, p. 272), pois, ao produzir o texto, já há uma pressuposição e resgate de enunciados anteriores. Portanto, “os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (Bakhtin, 2003, p. 297), isto é, todos os enunciados estão interligados, como um elo.

Além de responder a um outro anterior, os enunciados buscam também respostas, uma compreensão responsiva ativa, essa busca pode se apresentar de diversas formas, como o convencimento do leitor, exercício de influência didática, expressão de uma visão crítica, entre

outras maneiras. Desse modo, o leitor assume uma atitude responsiva, ao concordar, discordar, confirmar, completar, assim como o autor fez com textos anteriores, de modo que o leitor se torna, também, um autor no processo dialógico, dado que, durante a compreensão, já está em constante elaboração.

A partir disso, o enunciado é entendido como um lugar em que concepções de mundo e pontos de vista se encontram e portanto não pode ser imparcial. Conforme destaca Bakhtin (2003), ao analisarmos o enunciado isoladamente, excluindo o contexto,

[...] os vestígios do direcionamento e da influência da resposta antecipável, as ressonâncias dialógicas sobre os enunciados antecedentes dos outros, os vestígios enfraquecidos da alternância dos sujeitos do discurso, que sulcaram de dentro o enunciado, perdem-se, obliteram-se, porque tudo isso é estranho à natureza da oração como unidade da língua. (p. 306)

Com base nisso, torna-se essencial compreender o texto de modo situado, com um olhar atento e crítico para os enunciados que constituem esse texto e que respostas este demanda.

#### **2.4 O gênero notícia e o X**

De acordo com Fernandes, Melo Nascimento (2020), a notícia, como texto do âmbito jornalístico, visa a relatar um fato, o qual é visto como uma verdade absoluta ao relatar um determinado acontecimento da realidade. Isso faz com que haja a crença da imparcialidade da notícia. Como destaca Laje (2014), atribui-se como o papel do jornalista o relato da realidade sem se deixar influenciar por questões subjetivas, com a escrita de um texto que se atenha ao fato a ser relatado, não incluindo pontos de vista e concepções de mundo.

Contudo, é essencial não perder de vista que existe um autor do texto jornalístico e este está inserido em um contexto cultural e social, de modo que reflete, na notícia, as percepções de mundo e pontos de vista que envolvem o tema tratado através de escolhas linguísticas, da seleção do tema, de como as informações são apresentadas, etc. Logo, a realidade retratada nunca irá constituir uma verdade absoluta, uma vez que sempre estará submetida às percepções do autor e a um contexto sociocultural, ou seja, o texto estará sempre permeado por subjetividade, pois há uma constante interação de vozes, tendo em vista o caráter sociocultural da língua.

Nesse sentido, partindo da ideia de que “a língua retém existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução” (Geraldí, 1999, p. 42), é importante reconhecer os jogadores, os

participantes; o jornalista, representante do veículo de informação, e o leitor, a quem o texto visou a atingir. Se o primeiro constrói o texto a partir das noções de mundo e do contexto em que está inserido, o segundo também terá uma leitura influenciada pelo próprio contexto sociocultural, de forma que a produção e compreensão do texto se dá em um diálogo (Fernandes; Melo; Nascimento, 2020), isto é, o leitor irá, durante a leitura, resgatar informações, completar lacunas deixadas pelo autor, discordar e confirmar, por exemplo. Diante disso, o leitor deve estar atento aos indícios responsáveis por revelar o contexto, as intenções, os pontos de vista do veículo de informação para que possa agir consciente e criticamente sobre o texto.

No tocante à composição no gênero notícia, tomando como base o modelo tradicional, o texto apresenta-se estruturado em título, linha fina, lide, relato, intertítulo, imagem e texto-legenda (Fernandes; Melo, 2020). Como é exemplificado no esquema abaixo:



Já no X, a notícia é construída de forma diferente, a fim de ser adaptada às características da plataforma. Como destaca Zago (2009), o texto precisa ser reformulado para atender as especificidades do X, de maneira que não é possível a escrita de notícias extensas, pois só são oferecidos 280 caracteres. Diante disso, os perfis informativos optam por expor somente o título da notícia juntamente com um *link* que direciona o usuário para o *site* da revista ou jornal, no qual poderá ter acesso ao texto completo. Ademais, os veículos de informação fazem uso também de imagens e vídeos simultaneamente com o texto escrito, aliando os dois na construção de sentido, podendo fazer o uso de até quatro arquivos de mídia, conforme permite a plataforma. Essas limitações ocorrem porque o X tem a função de um microblog, ou seja, visa

à interação rápida entre os usuários, ao privilegiar a instantaneidade (Seixas, 2011), fazendo com que haja um fluxo intenso de informações, porém apresentadas em uma extensão curta.

Entre as características em comum das notícias nos diferentes veículos, estão a instituição jornalística como enunciador e o objetivo de satisfazer as finalidades da instituição e aproximar-se e adequar-se com a realidade, possuindo uma linguagem assertiva (Seixas, 2011), a fim de informar o leitor. Assim, ainda que a rede social exija modificações na estrutura do gênero, características principais relacionadas à função social e à relação entre o autor e o leitor se mantêm, preservando as particularidades que levam à classificação desses textos como notícia.

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa documental (Gil, 1999), visto que tem como objetivo, considerando o espaço ocupado pelas tecnologias digitais no contexto atual, demonstrar a relevância do trabalho com textos multissemióticos na sala de aula a partir de notícias veiculadas no X. Para isso, foi utilizada a técnica de observação direta e sistemática (Lakatos; Marconi, 2010), em que é feita uma coleta de dados para uma análise posterior com base em critérios predefinidos, tomando como objeto de análise três notícias circuladas na plataforma X, as quais foram selecionadas utilizando como fonte perfis jornalísticos de grande circulação, entre eles, @VEJA, @JornalOGlobo e @cartacapital, os quais possuem número de seguidores acima de dois milhões na plataforma e mais de quatro mil visualizações nas publicações.

Em primeiro lugar, as notícias consideradas para a pesquisa deveriam ter como tema principal a situação política do Brasil nos anos de 2023 e 2024, pois, na realidade polarizada na qual nos encontramos nos últimos anos, intensificada durante as Eleições de 2018, torna-se essencial perceber como a linguagem, considerando as diferentes semioses presentes em um texto, é utilizada ao relatar os fatos. Em segundo lugar, foram descartadas as publicações que não fazem uso da ferramenta oferecida pela rede social de associação entre a escrita e a imagem estática, não considerando, nesse caso, vídeos e *emoticons*, imagens utilizadas para expressar emoções humanas. Por fim, dentro das que restaram, foram selecionadas três notícias que retratam ocasiões semelhantes a fim de refletir sobre como o posicionamento de cada veículo de informação transparece, fazendo com que a notícia perca a imparcialidade, aspecto do qual os jornalistas devem tentar se aproximar.

Em seguida, ocorreu a análise das postagens coletadas. Inicialmente, aconteceu uma reflexão acerca de como as duas semioses proporcionam a construção de sentido, como se relacionam dentro do tema? Por que a imagem foi escolhida para a publicação da notícia? Isso levou a outro aspecto, a avaliação de como a parcialidade está presente no texto jornalístico. Por último, discutimos sobre a importância dos textos multissemióticos adentrarem o ambiente da sala de aula durante as práticas de ensino a fim de formar um aluno capaz de perceber essa parcialidade e saber, dessa forma, filtrar, selecionar, discordar, concordar, criticar o texto lido. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter qualitativo (Lakatos; Marconi, 2009), dado que visa ao desenvolvimento de uma interpretação com base nos materiais de análise coletados bem como nas percepções e reflexões feitas a partir deles.

#### **4. ANÁLISE DAS NOTÍCIAS**

As três notícias selecionadas para análise informam sobre a participação do atual deputado federal e ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello em um grupo aliado ao ex-presidente Jair Bolsonaro. O grupo visava à reversão dos resultados das eleições ocorridas no ano de 2022, nas quais o atual presidente Luiz Inácio da Silva derrotou o ex-presidente. A descoberta da participação ocorreu a partir da investigação de conversas em aplicativos e registros de entrada e saída no Palácio da Alvorada.

A reversão das Eleições, conforme defendia o grupo, se daria através de uma ruptura Constitucional, ao acionar o Artigo 142 da Constituição Federal, o qual diz que

As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem. (Brasil, 1988)

Isso ocorreu sob a alegação de ilegitimidade das Eleições por uma possibilidade de ocorrência de fraude na contabilização dos votos nas urnas eletrônicas. Entretanto, segundo noticiou Ferreira (2023), a hipótese não se confirma, uma vez que o Tribunal de Contas da União realizou uma minuciosa fiscalização, que revelou a quase inexistente probabilidade de ocorrência de fraude, de modo que as acusações feitas pelo grupo de que o deputado Eduardo Pazuello fazia parte são infundadas.

##### **4.1 Análise da notícia veiculada pela Veja**

**Figura 2:** notícia da @VEJA.

Fonte: VEJA, 2024.

A primeira notícia a ser analisada foi postada pelo perfil @VEJA no dia 14 de fevereiro de 2024. A postagem é composta pelo texto escrito, o qual corresponde ao título da matéria, "Cid revela reunião do golpe entre Bolsonaro e Eduardo Pazuello", e por uma imagem, que inclui o *link* para o *site* da revista. Na imagem, é exposto o atual deputado federal e ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello, com uma expressão séria, utilizando uma máscara de maneira equivocada, visto que cobre apenas o nariz e deixa a boca desprotegida, fazendo com que não desempenhe a função de proteção de maneira eficiente.

Iniciando a leitura pela modo verbal da notícia, já é possível perceber indícios de um posicionamento do veículo de informação acerca do acontecido. Em primeiro lugar, é necessário chamar atenção para a construção do título, o qual põe em foco a revelação da "reunião do golpe" pelo tenente-coronel do Exército brasileiro Mauro Cid, que também fazia parte do grupo que visava à revogação das eleições de 2022 e, desde o descobrimento do seu envolvimento, vêm sendo reveladas informações referentes ao grupo por meio da investigação das redes sociais dele.

Além disso, devemos nos atentar para a escolha da palavra "golpe" para se referir aos objetivos dos envolvidos no grupo, já revelando uma conotação negativa, pois a palavra remete a uma ação ilícita. Essa ação tem como caminho de execução enganar ou se aproveitar de uma situação por meios desonestos, implicando, portanto, a desonestidade dos envolvidos, ressaltando ainda o caráter desonesto do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro ao deixar explícito o seu envolvimento nas reuniões logo no título da notícia.

Outro aspecto resgatado pela escolha vocabular e pelo foco recaído na participação do tenente-coronel é o Golpe de 1964, o período da Ditadura Militar no Brasil, um momento de extrema violência, repressão e censura na história da sociedade brasileira. Os militares tomaram o poder diante do fantasma da ameaça comunista (Crestani, 2011), tendo como plano de fundo a Guerra Fria, que consistia em uma ideia de perigo diante de uma possível expansão soviética, que levaria o comunismo ao mundo, tal perigo foi construído pelos Estados Unidos, potência capitalista, com interesses econômicos e políticos, a fim de fortalecer sua influência frente aos outros países (Biagi, 2001). Diante disso, o Brasil, como aliado dos Estados Unidos na época, foi pressionado a se proteger de tal ameaça, construindo no imaginário da população a “ameaça comunista”. Dessa forma, os militares viriam para manter a ordem e não deixar o perigo vermelho se alastrar (Crestani, 2011).

Tal cenário remete à situação brasileira nos últimos anos, em que uma polaridade política foi construída entre esquerda e direita políticas, entendidos, para a parte mais ampla da população no contexto atual, como os apoiadores do atual presidente Luiz Inácio da Silva e do ex-presidente Jair Bolsonaro. Essa polarização acarretou um cenário de intolerância e violência, impedindo e intimidando expressões de diferentes pontos de vista, dada a hostilidade de alguns cidadãos (Uribe, 2023). Ademais, foi percebido que uma minoria da população, identificada com a direita política e apoiadores de Jair Bolsonaro em sua maioria, concordam com uma intervenção militar no Brasil, como exemplo, podemos citar os participantes do atos pró-Bolsonaro ocorridos em frente aos quartéis das Forças Armadas (Carta Capital, 2022). O comportamento e a forma de pensar desses cidadãos foram incitados pelo ex-presidente, quando este participou de atos pró-ditadura, compactuou com perseguição de cidadãos que se opunham ao governo, promoveu celebrações ao Golpe de 1964 e desvalorizou e atacou a educação (Barbosa, 2021).

**Figura 3:** imagem da notícia da @VEJA.



Fonte: VEJA, 2024.

Somente a leitura do modo verbal, já revela o posicionamento da Veja em relação ao noticiado, ao observarmos a imagem, mais vozes anteriores são acionadas na construção de

sentido da notícia. Quando vemos o ex-ministro da saúde fazendo um uso inadequado da máscara, surge o questionamento da competência do indivíduo para ocupar o cargo. Com essa dúvida instaurada e com a máscara sendo uma imagem atrelada à pandemia da COVID-19, a qual atingiu fortemente o Brasil, principalmente nos anos de 2020 e 2021, período de exercício do ex-presidente Jair Bolsonaro, caracteriza, então, uma crítica à gestão do político e do deputado federal Eduardo Pazuello durante o crítico momento pandêmico.

Ao longo da pandemia, a gestão de Jair Bolsonaro sofreu diversas críticas, ao se mostrar constantemente despreparada para lidar com o vírus e contra às recomendações científicas. Nesse contexto, cientistas e médicos encontraram grande desafio em obter apoio do governo para conscientizar e proteger a população da doença, uma vez que o ex-presidente desencorajava o cumprimento das medidas de segurança, como o isolamento social e o uso de máscaras, além de causar atraso nos métodos de prevenção e tratamento da doença, ao demonstrar ser contra a vacina, desincentivando os cidadãos a procurarem os postos de saúde e se imunizarem, e ao disseminar falsos tratamentos que já haviam sido desacreditados pela ciência.

Com essa recusa em ouvir a ciência, ocasionaram trocas constantes no Ministério da Saúde, visto que os ministros anteriores a Eduardo Pazuello não concordavam com a forma como estava ocorrendo a reação do governo ao COVID-19 (Motta, 2021). Pazuello, em divergência com os outros ministros, não tinha atuação na medicina, mas era general da ativa do Exército, de modo que não tinha a competência, tanto acadêmica quando cotidiana, para assumir o cargo. Isso levou a um ministério contra à ciência, que disseminava recomendações falsas e desencorajava a população a seguir as medidas comprovadas cientificamente.

Por último, é necessário destacar ainda a circulação de imagens do antigo governo utilizando máscaras de forma errada como memes, a fim de satirizar a situação. Dessa maneira, percebemos o viés irônico da notícia ao, através de uma ironia ocasionada pela seleção da imagem, questionar a seriedade e a competência dos funcionários ocupantes dos cargos no antigo governo, reforçando ainda mais a parcialidade da revista quanto ao conteúdo da notícia.

#### **4.2 Análise da notícia veiculada pelo jornal O Globo**

**Figura 4:** notícia do @JornalOGlobo.



Fonte: Jornal O Globo, 2024.

A segunda notícia selecionada para análise foi publicada pelo perfil @JornalOGlobo também no dia 14 de fevereiro de 2024. A postagem é composta, assim como a anterior, por um texto escrito que corresponde ao título da matéria, simultaneamente com uma imagem, a qual contém o *link* com o intuito de redirecionar o leitor para o *site* do jornal.

Iniciando a discussão novamente pelo modo verbal, já percebe-se diferenças em relação à notícia presente na rede social da revista Veja. O jornal escolhe estruturar o título da seguinte forma: “Mensagens de WhatsApp e registros do Alvorada indicam atuação de Pazuello em plano golpista, aponta PF”. Nesse caso, embora o título da notícia não ressalte a participação do tenente-coronel Mauro Cid, ainda percebe-se na escolha linguística a ideia de golpe, ao escrever “plano golpista”, de forma a atribuir características negativas ao plano, além de reconhecer, desde o título, a ilegalidade do pretendido pelos políticos envolvidos e a desonestidade existente em parte dos funcionários do antigo governo.

Ademais, a postagem realizada pelo jornal O Globo escolhe ainda não evidenciar a participação no ex-presidente Jair Bolsonaro no plano já no título, focando, assim, no envolvimento do deputado federal e ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello. Nesse sentido, ainda que seja utilizado o discurso indireto na construção do texto com o objetivo de se distanciar e reforçar a ideia de imparcialidade, nota-se que as concepções da instituição acerca da realidade ainda atravessam a notícia através das escolhas de palavras e de quais informações destacar no texto escrito.

**Figura 5:** imagem danotícia do @JornalOGlobo.



Fonte: Jornal O Globo, 2024.

Partindo para a análise da imagem, vemos o deputado Eduardo Pazuello com uma expressão séria e preocupada falando ao microfone, discursando, pelo que indicam as circunstâncias, na frente de um fundo azul, o qual estampa uma parte do Brasão Nacional. Tanto a expressão do político quanto a escolha de uma imagem que contivesse o Brasão Nacional evidenciam a seriedade da situação.

Além disso, o Brasão tem como significado “[...] a glória, a honra e a nobreza do país” (Agência Senado, 2020), porém, tendo em vista o “plano golpista” e, portanto, a ideia de desonestidade e enganação trazida pela expressão, constatamos que essa honra representada pelo Brasão é posta em perigo. Isso porque os governantes do país buscam, por meios ilícitos e que ameaçam o cumprimento da Constituição de 1988, tirar proveito do cargo ocupado, ao objetivar a permanência no poder, com a revogação das Eleições de 2022, e disseminar os próprios ideais por meio de imposição, com a semelhança possuída com o episódio da ditadura militar brasileira ao sugerir o envolvimento dos militares para conter uma suposta perturbação da ordem, caracterizada, atualmente, pela falsa alegação de fraude nas Eleições.

Desse modo, ainda que por um caminho diferente, notamos o questionamento posto também pelo perfil jornalístico @JornalOGlobo sobre a competência do antigo governo, uma vez que ressalta o descumprimento da Constituição Federal e dos ideais nacionais, aliando, para isso, os modos verbal e imagético.

### **4.3 Análise da notícia veiculada pela revista Carta Capital**

**Figura 6:** notícia da @cartacapital.



Fonte: CartaCapital, 2024.

Por último, a terceira notícia inclusa na análise foi postada pelo perfil @cartacapital no dia 15 de fevereiro de 2024. Diferentemente do ocorrido nas notícias anteriores, o portal de informações não utiliza o título da matéria como texto escrito no *tweet*, mas sim uma frase que, de forma direta, deixa claro o que o leitor encontrará ao clicar no *link* que leva à página da revista: “Entenda o papel de Pazuello na trama golpista”, ou seja, deixa claro o tema relacionado ao envolvimento do ex-ministro da saúde no grupo que visava a uma ruptura constitucional na época das Eleições de 2022.

Observando o modo verbal, percebe-se novamente a associação à palavra golpe com a expressão “trama golpista”, fazendo alusão à desonestidade, à ilegalidade e à intenção de tirar proveito de uma situação. Logo, já evidencia um ponto de vista diante das discussões e objetivos dos políticos participantes do grupo. Ademais, devemos atentar-nos ainda para a escolha da palavra “trama”, a qual, segundo o dicionário Michaelis online, significa “Maquinação, geralmente secreta, com objetivo de prejudicar algo ou alguém; armação, conluio” (Trama, 2015), reforçando, assim, o caráter conspiratório e traiçoeiro dos objetivos do deputado federal Eduardo Pazuello.

**Figura 7:** imagem da notícia da @cartacapital.



Fonte: CartaCapital, 2024.

Na imagem logo abaixo do texto escrito, estão o ex-presidente Jair Bolsonaro e Eduardo Pazuello dialogando, com o ex-ministro da saúde falando enquanto se inclina para chegar mais perto do ouvinte e Jair Bolsonaro se aproximando para ouvir. Tal configuração de conversa remete a um compartilhamento de segredo, quando as pessoas ao redor não podem ouvir, de modo que os envolvidos na ação diminuem o volume da voz, a fim de que ninguém descubra o tema da conversa, e, por esse motivo, precisam diminuir a distância entre eles para que ambos escutem e compreendam o que está sendo dito. Logo, a imagem também reforça o caráter conspiratório atribuído pela revista às reuniões referentes à revogação das Eleições de 2022, além de remeter a questões proibidas, tendo em vista a preocupação e o perigo da descoberta por pessoas de fora do grupo.

Além disso, enquanto a revista Veja escolheu fazer associação da com Jair Bolsonaro verbalmente, a Carta Capital utilizou a imagem para ligar explicitamente o antigo governo à “trama golpista”, de maneira a salientar ainda mais o posicionamento da instituição acerca do período de governo do ex-presidente e dos ideais do político. Nesse sentido, embora o perfil de notícias se proponha a relatar os fatos como são, a escolhas vocabulares e a seleção da imagem não deixam dúvidas quanto ao ponto de vista da instituição, conferindo parcialidade ao texto, ao fazer alusão a vozes anteriores.

## 5. RESULTADOS

Como foi constatado através da análise, os três veículos de informação não atingiram a imparcialidade atribuída como essencial para o gênero notícia. Por caminhos diferentes e através do acionamento de diferentes vozes anteriores, todos os perfis deixaram claro o ponto de vista das instituições jornalísticas frente à situação noticiada. Isso ocorre, de acordo com o defendido por Bakhtin (2003), porque as instituições, bem como a língua, estão inseridas em um contexto sociocultural, tornando inevitável o resgate de vozes anteriores. Dessa maneira, toda escolha linguística irá fazer o resgate de textos e situações anteriores, além de concepções acerca destes, constatando, assim, a impossibilidade do alcance de um texto sem subjetividade e imparcial, em que o episódio notícia aparece como uma verdade absoluta.

Em todos os casos, a parcialidade já fica evidente no modo verbal da notícia, porém prestar atenção na seleção das imagens é essencial para a compreensão de todos os sentidos acionados pelo texto, visto que, nas três notícias, as imagens reforçam ou adicionam mais camadas ao texto verbal, de forma que, se não recebem a devida atenção, o leitor perde e não toma conhecimento de outras nuances relacionadas ao posicionamento da instituição, levando ao pensamento equivocado de que a imagem tem como função apenas ilustrar o modo escrito e, significa, então, a mesma coisa.

Por exemplo, em primeiro lugar, na postagem da Veja, o resgate da situação caótica do governo na pandemia e o tom irônico ao utilizar uma imagem do ex-ministro da saúde fazendo um uso errado da máscara ficariam inexplorados. Em segundo lugar, na publicação do jornal O Globo, o questionamento acerca da honra do deputado Eduardo Pazuello e dos envolvidos no grupo que objetivava a reversão das eleições de 2022 também seria desprezado. Em último lugar, o reforço em relação ao caráter conspiratório das intenções dos políticos envolvidos seria deixado de lado.

Assim, para que um cidadão seja realmente um usuário da língua e consiga adentrar as diferentes práticas do mundo contemporâneo e seja, portanto, também um usuário das redes sociais, é imprescindível que faça uso da língua de forma efetiva, ao ser uma pessoa, além de alfabetizada, letrada nas práticas sociais que lhe serão exigidas na vida em sociedade, a fim de que possa, então, ter um olhar crítico e consciente diante dos textos com que se depara no cotidiano e não seja excluído do direito de participação nas situações de escrita e leitura, principalmente quando consideramos as mudanças nos letramentos e o surgimento de novos letramentos decorridos do avanço tecnológico. Isso porque, para o envolvimento efetivo nos diversos âmbitos sociais, será exigido que leiam e criem textos multissemióticos, de modo que

é essencial o conhecimento, letramentos, nos gêneros textuais circulantes na sociedade contemporânea para que atendam a essas demandas.

Para formar um indivíduo capaz de se inserir e atender às demandas sociais de um mundo digital, como é apontado por Freire (2018), o processo pedagógico deve ocorrer de modo significativo para o aluno, através do estímulo ao pensamento autêntico e humanizador, partindo de uma postura problematizadora, crítica e consciente diante do entorno dos discentes. É essencial levá-los a questionar as relações estabelecidas na realidade que os cercam, a possuírem uma consciência intencionada diante das leituras e produções. Portanto, precisamos tirar o estudante de um lugar de passividade, ouvinte, e torná-lo um ator social por meio do processo pedagógico.

Nesse sentido, desde a elaboração do conteúdo programático, o docente deve selecionar temas que tenham relação com o cotidiano do aluno, a partir da observação da turma em sala de aula e de um olhar atento à forma como as mudanças sociais e culturais alteram e criam novos letramentos. Logo, ao buscar ser um agente de letramento, favorecendo a participação dos discentes em sala de aula e, então, transformando-os em atores sociais, como recomenda Kleiman (2006), o professor precisa também estar engajado nas práticas sociais características da contemporaneidade, a fim de selecionar os gêneros mais significativos dentro da realidade dos estudantes e da comunidade, atuando como um gestor de saberes (Kleiman, 2005).

Em vista disso, fica clara a insuficiência do trabalho exclusivo com os “letramentos escolares” (B. Street; J. Street, 2014), visto que diversos textos circulantes no âmbito digital não são contemplados, como é o caso de gêneros presentes nas redes sociais, por exemplo, o *X*, que, hoje, serve para informar-se, conectar-se com interesses similares, expor opiniões acerca de questões sociais, culturais e políticas, entre outras coisas. Isso distancia os alunos do aprendizado de língua utilizado na escola, pois esta não abrange a forma de interação que utilizam diariamente na *internet*, a língua estudada se torna diferente da língua da realidade, servindo apenas para fins pedagógicos e fazendo com que percam o interesse e se questionem frequentemente a razão pela qual estudam aqueles conteúdos.

Portanto, diante das mudanças trazidas pelo avanço da tecnologia, os multiletramentos são imprescindíveis, pois a ampliação da construção de textos utilizando mais de uma semiótica é uma característica da contemporaneidade. Ainda que textos multissemióticos sempre tenham sido uma realidade, essa característica foi intensificada, haja vista as ferramentas de combinação da modalidade escrita com sons, imagens, vídeos, os quais significam conjuntamente, mais do que separadamente, e não são meramente uma ilustração do modo verbal, como foi percebido nas notícias analisadas. Nesse contexto, constatamos a importância do trabalho com a

“pedagogia dos multiletramentos” (Rojo, 2012), que visa à formação de indivíduos letrados nas práticas sociais do contexto digital e globalizado, com o objetivo de que os estudantes estejam conscientes dos “multi” característicos do mundo contemporâneo, diversidade semiótica e de ideias, vozes.

Diante disso, se não é oportunizado para os estudantes esses aprendizados, estaremos privando-os da participação nas práticas letradas do âmbito digital, dado que não serão capazes de ler e produzir textos nesses espaços efetiva, crítica e conscientemente. Serão impedidos da possibilidade de agir e transformar o mundo em que vivem. Por isso a importância da adoção de uma perspectiva libertadora para a educação, para que o aluno possa compreender o seu entorno e atuar sobre ele. O discente deve ser capaz de perceber a parcialidade dos textos, identificar as vozes resgatadas por esses textos, a partir das mais diversas semioses, para que não fique preso ao pensamento da existência de textos isolados do contexto sociocultural e que retratam uma verdade absoluta para que, assim, possam propor reformulações, complementos, discordâncias em relação a essas vozes e ao texto lido, tornando-se também recriadores de significados.

## 6. CONCLUSÃO

Em uma sociedade rodeada por tecnologia, na qual, desde crianças, os indivíduos já são expostos aos gêneros digitais, a escola precisa estar atenta e abranger as mudanças trazidas pela forma de interagir da contemporaneidade. Para a formação de leitores críticos e conscientes do mundo à volta deles, não adianta ficar preso a moldes e a conteúdos tradicionais, é preciso atualizar o ensino de língua.

É a função das aulas de Língua Portuguesa estimular os discentes a questionarem a realidade, os papéis que ocupam na sociedade, como os textos os impactam. É imprescindível fazer com que reconheçam o poder de recriação que possuem, ao identificar, concordar, discordar, reformular os textos presentes no cotidiano, para tornarem-se, assim, indivíduos ativos na sociedade, capazes de construir suas próprias vozes.

Nessa jornada, portanto, o docente precisa também apresentar uma postura problematizadora, a fim de tornar-se consciente dos impactos das questões exteriores ao ambiente escolar na sala de aula e poder, então, guiar da melhor forma possível os alunos ao longo do processo pedagógico, selecionando os temas e conteúdos mais significativos. Dessa forma, o estudante se perceberá mais próximo da língua presente na escola, fazendo com que possa levar o conhecimento adquirido em sala de aula para fora dela, por exemplo, para as redes sociais, de modo a ocupar um papel ativo e construir um aprendizado significativo, não restrito ao funcionamento da escola.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas precisam incluir os "multi" de uma sociedade digital, contemplando os textos multissemióticos e a diversidade de vozes presentes neles. Com o intuito de que a ideia de modos diferentes do verbal apenas como acessórios e descartáveis para a construção de sentido seja combatida e as diferentes semioses ocupem o mesmo lugar de importância. Desse modo, formaremos indivíduos capazes de compreender e agir sobre os textos presentes no âmbito digital, capazes de olhá-los criticamente e perceberem a subjetividade inerente a todos os textos, mesmo que seja esperada a imparcialidade em certos gêneros, como é o caso da notícia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA SENADO. Símbolos nacionais representam a identidade de uma nação, diz consultor. **Senado notícias**, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/09/17/simbolos-nacionais-representam-a-identidade-de-uma-nacao-diz-consultor>. Acesso em: 02 mar. 2024.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. *In*: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-21.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BANDEIRA, Katarina. Pesquisa aponta que 7 em cada 10 jovens brasileiros acessam o Twitter todos os dias. *Folha de Pernambuco*, 30 set. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/tecnologia-e-games/pesquisa-aponta-que-7-em-cada-10-jovens-brasileiros-acessam-o-twitter-todos-os-dias/33415/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 61-111, dez./fev. 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2119/1600>. Acesso em: 01 mar. 2024.

BARBOSA, Catarina. Relembre 7 vezes em que o governo Bolsonaro se espelhou no Brasil da ditadura militar. **Brasil de Fato**, Belém, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/relembre-7-vezes-em-que-o-governo-bolsonaro-se-espelhou-no-brasil-da-ditadura-militar>. Acesso em: 01 mar. 2024.

BARBOSA, Jacqueline; ROJO, Roxane. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 29 fev. 2024.

CARTACAPITAL. **Entenda o papel de Pazuello na trama golpista**. [S.I.], 15 fev. 2024. X: @cartacapital. Disponível em: [https://twitter.com/cartacapital/status/1758105029121069520?t=JyhKzcmLtAF5J8\\_ZAhAaaA&s=19](https://twitter.com/cartacapital/status/1758105029121069520?t=JyhKzcmLtAF5J8_ZAhAaaA&s=19). Acesso em: 02 mar. 2024.

CRESTANI, Leandro de Araújo. O surgimento do inimigo interno: ditadura militar no brasil (1964 a 1985). **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 5, n. 9, p. 1-16, jan./jun. 2011.

DATAFOLHA: 75% dos brasileiros são contra atos golpistas. **Carta Capital**, 22 dez. 2022. Disponível em: [https://www.cartacapital.com.br/politica/datafolha-75-dos-brasileiros-sao-contra-atos-golpistas/#amp\\_tf=De%20%251%24s&aoh=17092921954499&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Fwww.cartacapital.com.br%2Fpolitica%2Fatafolha-75-dos-brasileiros-sao-contra-atos-golpistas%2F](https://www.cartacapital.com.br/politica/datafolha-75-dos-brasileiros-sao-contra-atos-golpistas/#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=17092921954499&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Fwww.cartacapital.com.br%2Fpolitica%2Fdatafolha-75-dos-brasileiros-sao-contra-atos-golpistas%2F). Acesso em: 01 mar. 2024.

FERNANDES, Richard; MELO, Iran. **Leitura crítica: por uma escola que se posiciona**. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

FERNANDES, Richard; MELO, Iran Ferreira de; NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira do. Um passo a mais para entendermos a leitura crítica: notícia, gênero, sexualidade e educação. **REBEH: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 3, n. 11, p. 253-279, jun./set. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10766/7958>. Acesso em: 24 fev. 2024.

FERREIRA, Karina. Auditoria do TCU diz que possibilidade de fraude nas eleições de 2022 é próxima de 0%. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 dez. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/auditoria-do-tcu-diz-que-possibilidade-de-fraude-nas-eleicoes-de-2022-e-proxima-de-0/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FUZA, Angela Francine; MENEGASSI, Renilson José; OHUSCHI, Márcia Cristina Grego. Concepções de linguagem e o ensino de leitura em língua materna. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 479-501, jul./dez. 2011. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15401>. Acesso em: 25 fev. 2024.

GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário. Pedagogia dos multiletramentos e desafios para uso das novas tecnologias digitais em sala de aula no ensino de língua portuguesa. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 18, n. 1, p. 151-174, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15301>. Acesso em: 25 fev. 2024.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: \_\_\_\_\_ (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 39-46.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JORNAL O GLOBO. **Mensagens de WhatsApp e registros do Alvorada indicam atuação de Pazuello em plano golpista, aponta PF**. Brasília, 14 fev. 2024. X: @JornalOGlobo. Disponível em: <https://twitter.com/JornalOGlobo/status/1757887585408663794?t=MUbg3WzB7eeJ8yGjRA7V3A&s=19>. Acesso em: 29 fev. 2024.

KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Produção Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: BOCH, Françoise; CÔRREA, Manoel Luiz Gonçalves (org.). **Ensino de Língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 75-91.

LAJE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 20-25, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>. Acesso em: 29 fev. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

\_\_\_\_\_, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LEMKE, Jay L.. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 42, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010. Tradução: Clara Dornelles. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/pBy7nwSdz6nNy98ZMT9Ddfs/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MARTINS, Magno. Moraes nega veto à comunicação. **Folha de Pernambuco**, Recife, 17 mar. 2024. Panorama, p.3. Disponível em: [https://www.folhape.com.br/edicao-impressa/2657/17-02-2024/#edicao\\_impressa-3](https://www.folhape.com.br/edicao-impressa/2657/17-02-2024/#edicao_impressa-3). Acesso em: 04 abr. 2024.

MENDONÇA, Fernanda de Quadros Carvalho; SOARES, Claudia Vivien Carvalho de Oliveira. Um breve olhar para a BNCC, as tecnologias digitais e a produção textual no ensino médio. **Fólio: Revista de Letras, Vitória da Conquista**, v. 12, n. 1, p. 1017-1039, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/6893>. Acesso em: 25 fev. 2024.

MOTTA, Anaís. Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. **Uol**, São Paulo, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias-uol-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da>

pandemia.amp.htm?amp\_gsa=1&amp\_js\_v=a9&usqp=mq331AQIUAKwASCAAgM%3D#amp\_tf=De%20%251%24s&aoh=17092945801991&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&ampshare=https%3A%2F%2Fnoticias.uol.com.br%2Fsaude%2Fultimas-noticias%2Fredacao%2F2021%2F03%2F15%2Fmandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm. Acesso em: 01 mar. 2024.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. Diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

SEIXAS, Lia Fonseca. Os gêneros jornalísticos no Twitter: um estudo comparativo de organizações jornalísticas. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 33-50, dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/22880>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio**, Porto Alegre, v.29, n.1, p. 96-100, fev. 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento em verbete: o que é letramento? *In*: \_\_\_\_\_. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1999. p. 15-25.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 25 fev. 2024.

STREET, Brian. Oralidade e letramento como construtos ideológicos: alguns problemas em estudos transculturais. *In*: \_\_\_\_\_. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 89-113.

STREET, Brian; STREET, Joanna. A escolarização do letramento. *In*: \_\_\_\_\_. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 121-144.

TRAMA. *In*: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S.I.]: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trama/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

URIBE, Gustavo. Pesquisa aponta aumento da polarização e queda da civilidade no Brasil. **CNN Brasil**, 18 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pesquisa-aponta-aumento-da-polarizacao-e-queda-da-civilidade-no-brasil/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

VEJA. **Cid revela reunião do golpe entre Bolsonaro e Eduardo Pazuello**. [S.I.], 14 fev. 2024. X: @VEJA. Disponível em: <https://twitter.com/VEJA/status/1757821189869723961?t=0PyFJ4VGYrePCt3SvgCgPw&s=19>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ZAGO, Gabriela da Silva. O Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos. **Ciberlegenda**, Niterói, v. 11, n. 21, p. 1-16, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36631/21210>. Acesso em: 24 fev. 2024.